

## ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS E MEMÓRIA RELIGIOSA

Imagens fotográficas nos permitem interpretar o passado e sua evolução, seja usando o método comparativo dos espaços ou classificando as unidades culturais como categorias espaciais. Interpretações que pretendem estabelecer, no caso dos arquivos eclesiásticos, relação entre fotografia e representações simbólicas da religiosidade.

Lowenthal (1985) afirma que “sem o hábito e a memória da experiência passada, nenhuma visão ou som significariam coisa alguma; nós podemos perceber somente aquilo a que estamos acostumados”.

Em 1999, durante a Mesa Redonda sobre Arquivos Eclesiásticos, no Rio de Janeiro, o Monsenhor Jamil Nassif Abib, do Centro de Estudos e Pesquisas para a História da Igreja no Brasil (CEPEHIB), afirmava que a não abertura dos arquivos eclesiásticos se devia principalmente à dificuldade da Igreja em gerenciar seus acervos.

È fato que o maior volume de documentos conservados pela Igreja no Brasil é constituído pelos registros paroquiais ou assentamentos de batizados, casamentos, óbitos e crismas. Inclusive são os únicos registros de pessoas até a segunda metade do séc. XIX. Mas é fato que fazem parte destes arquivos também, coleções fotográficas.

A fotografia é uma fonte histórica que demanda leitura e interpretação. Deve-se concebê-la como resultado de um processo de construção de sentido. Do ponto de vista temporal, a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa através do tempo.

Anos antes do aparecimento do cartão postal, em 1887, o fotógrafo carioca Militão Augusto de Azevedo expressava na publicação “Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo, 1862 e 1887” a materialidade urbana, um sentido de cidade que tem como referência a ação do tempo. Seu álbum comparativo objetivava materializar, através da visualização, uma seqüência possível.

No Brasil, a Fundação Nacional da Arte (Funarte) foi a instituição que introduziu, em 1980, políticas de conservação preventiva para acervos fotográficos, através do Programa Nacional de Preservação e Pesquisa da Fotografia - Fotografia - Propreserv.

Em 1984 é criado, no Rio de Janeiro, através de termo de cooperação técnica com a Fundação Pró-Memória, o Centro de Conservação e Preservação Fotográfica (CCPF), braço técnico do Instituto Nacional da Fotografia (Infoto), e parte do Propreser.

Sendo pioneiro na América do Sul, O CCPF é hoje uma referência internacional no setor de conservação fotográfica. Seu principal objetivo é a preservação da memória fotográfica brasileira, o incentivo a criação de núcleos regionais de preservação, a formação de pessoal técnico especializado e a difusão de informações em conservação e preservação fotográfica. Não possui acervo próprio de imagens; atua em parceria na recuperação dos acervos fotográficos brasileiros públicos e privados.

No contexto atual, porém, o caráter de prova irrefutável do que realmente aconteceu, sempre atribuído à imagem fotográfica, transformou-se!

Segundo Pavão (1997), hoje muito se discute sobre a possibilidade que a imagem fotográfica tem de mentir. A revolução digital, provocada pelos avanços da informática, torna cada vez maior esta possibilidade, permitindo até que os mortos ressurgam para tomar mais um chope, tal como a publicidade já mostrou. Não importa se a imagem mente; o importante é saber porque mentiu e como mentiu. O desenvolvimento dos recursos tecnológicos demandará do historiador uma nova crítica, que envolva o conhecimento das tecnologias feitas para mentir.

Ciente de que são muitos os conceitos atribuídos às imagens fotográficas bem como a forma de interpretação das mesmas por mais diversos autores; tomamos como princípio a necessidade de preservação das imagens fotográficas para interpretação do passado e sua evolução.

Neste recorte, vamos nos ater às imagens fotográficas preservadas pela Comunidade Evangélica de Ijuí – IECLB, como prova fundamental do início da colonização da cidade pelos imigrantes de origem germânica.

### **O contexto das imagens: histórico da Comunidade Evangélica Ijuí**

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) tem sua origem no movimento da reforma da igreja iniciada por Martinho Lutero no século XVI. O luteranismo chegou ao Brasil em 1824 junto com a imigração alemã e permaneceu

concentrado no Sul e Sudeste do Brasil por mais de um século. Atualmente há comunidades luteranas espalhadas em todos os estados brasileiros.

Desde a sua origem a IECLB tem nas comunidades sua base de sustentação mais importante. A idéia de uma Igreja participativa quer resgatar a importância das comunidades, valorizando a participação dos membros, instituições e setores que a formam.

A Comunidade Evangélica Ijuí (CEI), com sede no centro da cidade, próxima a Praça da República, congrega atualmente 3.380 membros<sup>1</sup>, e está estruturada em nove departamentos que contemplam trabalhos específicos em diversas áreas (homens, mulheres, crianças, casais, idosos, assistência a carentes, etc).

É uma entre muitas comunidades da IECLB, com sede nacional em Porto Alegre/RS. Desde 1998 está organizada em 18 sínodos<sup>2</sup>, sendo a Comunidade Evangélica Ijuí pertencente ao Sínodo Planalto Riograndense.

A Colônia Ijuhy foi fundada em 1890. Os imigrantes de origem alemã eram a maioria. Muitos provinham de diferentes regiões européias com influência da Alemanha: teuto-russos, teuto-austríacos, teuto-poloneses, teuto-húngaros e outros.

Gardolinski<sup>3</sup> afirma que “em 1895 chegou a Ijuí um pastor protestante e logo depois o padre católico Antoni Cuber... os dois ministros religiosos exerciam regularmente suas funções e celebravam cultos e reuniam em torno de si os seus crentes”. Já em 10 de fevereiro daquele ano foi lavrada a ata de fundação da Comunidade Evangélica de Ijuí, assinada por 220 pessoas.

---

<sup>1</sup> Dado de novembro de 2006, fornecidos pela Secretaria da CEI.

<sup>2</sup> O Sínodo é uma região geográfica que congrega várias comunidades.

<sup>3</sup> Imigração e Colonização Polonesa da Enciclopédia Rio-Grandense, volume 5.

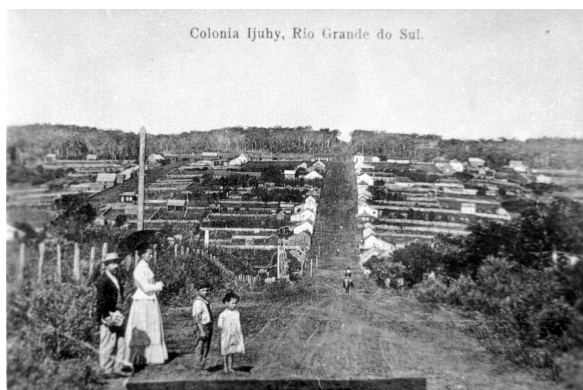


**Foto 01 - Inauguração da Casa Paroquial Evangélica**

**Arquivo Fotográfico da CEI**

Em 1896 foi inaugurada a Casa Paroquial Evangélica, conforme a fotografia acima, que pertence ao Arquivo Histórico da CEI e é a mais antiga encontrada nos acervos fotográficos da cidade. A Colônia Ijuhy tinha, segundo os relatórios da Intendência Municipal, uma população de 4.644 habitantes neste ano.

A imagem abaixo mostra a colônia no ano de 1902. A rua larga, que percorre todo do espaço fotográfico passa, ao fundo, pela futura praça central, onde seriam construídos mais tarde, à esquerda o templo evangélico e à direita o templo católico.



**Foto 02 – Colônia Ijuhy**

**Coleção Família Beck / Acervo MADP<sup>4</sup>**

---

<sup>4</sup> MADP – Museu Antropológico Diretor Pestana, mantido pela FIDENE – Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

No ano de 1903 foi designado para a Colônia de Ijuhy o pastor Hermann Rosenfeld, que atuou na comunidade até 1912. Sua gestão foi muito significativa, fundando a Escola Paroquial Evangélica, e lançando, a 07 de janeiro de 1909, a pedra fundamental da Igreja da Cruz (atual templo da Comunidade Evangélica Ijuí).



**Foto 03 - Lançamento da pedra fundamental da Igreja**

**Arquivo Fotográfico da CEI**

Somente em 1913 finalizou-se a obra, com a cobertura dos telhados da Igreja. O fato foi festejado em 13 de maio daquele ano com a Festa da Cumeeira.



**Foto 04 - Festa da Cumeeira da Igreja Evangélica**

**Arquivo Fotográfico da CEI**

## **O contexto do acervo fotográfico: o Arquivo Histórico da CEI**

A organização da memória fotográfica da Comunidade Evangélica de Ijuí teve início em março de 2001 de forma voluntária. Iniciou com encontros quinzenais para identificação das fotografias, contando com a valiosíssima colaboração da senhora Alzira Schröer, do então coordenador do Museu Evangélico Albin Brendler (MEAB), Rolf Steinmetz, além das voluntárias Débora Juchem e Karin Strohschoen. Salientamos que o respaldo da Diretoria Gestão 2000-2004 foi de fundamental importância nas ações desenvolvidas.

Neste período as imagens ainda eram armazenadas no MEAB, que foi fundado em 1995 com objetivo de preservar documentos, publicações (principalmente bíblias pertencentes a famílias de membros) e expor artefatos religiosos.

O Arquivo Histórico da Comunidade Evangélica de Ijuí foi criado somente em 2003, quando também foi aprovada a moção n. 01/2003 que extinguiu o Museu. Esta decisão foi tomada principalmente porque a instituição mantenedora – Comunidade Evangélica de Ijuí – possui também um museu escolar. Os poucos objetos foram remetidos então ao Museu Escolar do Colégio Evangélico Augusto Pestana (MECEAP) onde permanecem em exposição. Permaneceram no Arquivo da Comunidade apenas os documentos históricos, incluindo as imagens fotográficas.

A descrição de uma coleção pode ser feita manualmente, em fichas de cartão ou informatizada. A rapidez de acesso à informação, as inúmeras possibilidades de recuperação da informação e a facilidade de consulta à distância e intercâmbio da informação entre instituições fazem com os bancos de dados sejam preferidos às fichas em papel.

Não existindo ainda essa possibilidade na CEI, a descrição foi realizada em fichas de papel, sendo o catálogo o instrumento de pesquisa<sup>5</sup>

O método *UNITERMO*, aparentemente, pareceu o mais indicado, pela sua simplicidade de operação, rapidez de acesso e localização e inúmeras possibilidades de recuperação.

A ficha principal foi elaborada prevendo-se seu preenchimento por pessoas não especializadas na área. Constam na ficha os itens: título, local, data da foto, fotógrafo,

---

<sup>5</sup> O catálogo descreve uma coleção imagem a imagem.

modo e data de aquisição. Os itens *tipo de documento, conservação e legibilidade* foram, ainda, subdivididos em opções.

Os elementos que possam servir à pesquisa foram datilografados na ficha principal, a qual é arquivada em ordem numérica e as fichas de descritores (o fichário de busca, pesquisa de assuntos) em rigorosa ordem alfabética de nomes, assuntos, locais. Podem ser atribuídas tantas palavras-chave quantas sejam necessárias, em função do objetivo da instituição e do tipo de pesquisa.

Totalizaram 1100 fotografias classificadas.

Destas, 150 fotografias haviam sido coladas em pastas, fazendo partes de dossiês temáticos organizados pelo coordenador do Museu Evangélico Albin Brendler em anos anteriores.

A conservação preventiva também foi pensada. Partindo do princípio de que esta constitui-se em ações capazes de produzir condições apropriadas para a preservação do acervo, pensou-se no aumento da longevidade dos documentos.

Quando não há verba disponível para a compra de equipamentos para o controle da temperatura e umidade, é necessário tomar outras medidas preventivas.

Quanto ao acondicionamento, por exemplo. Inicialmente as fotografias foram acondicionadas em pastas polionda, soltas, opção mais acessível. No entanto, percebeu-se que, trabalhando com um grupo de pessoas voluntárias, sem conhecimento técnico específico, a melhor opção para armazenamento eram álbuns fotográficos. Porquê? Pelo simples fato do manuseio das fotografias ser constante e a proteção do “bolso de plástico” evitar as marcas de dedos sobre as imagens.

A constituição do acervo depende dos voluntários - aqueles que se dedicam a um trabalho sem vínculo empregatício, prestando ajuda quando necessário – de cada um dos setores da comunidade, o que torna muito mais delicada a cobrança de procedimentos técnicos adequados ao mesmo por todos.

### Exposições

Com o objetivo de conscientizar os membros da importância da preservação do acervo foram realizadas também exposições fotográficas, resgatando, em cada uma delas a história através da leitura das imagens.

- ✓ Exposição “Legião Evangélica – 13 anos de atuação” – grupo de homens
- ✓ Exposição “OASE 90 Anos” – grupo da Ordem das Senhoras Evangélicas
- ✓ Exposição “111 anos de CEI”

### **A interpretação das imagens**

Existem os mais diferentes métodos de leitura de fotografias, sendo todos tentativas de compreensão da imagem fotográfica.

A pesquisadora Ana Maria Mauad, do Laboratório de História Oral e Iconografia – LABHOI da Universidade Federal Fluminense – UFF segue a tendência de outros autores, procurando retirar das fotografias o máximo de informações, considerando a mesma uma redução de espaço. Classifica as unidades culturais como categorias espaciais:

- espaço fotográfico: compreende o recorte espacial processado pela fotografia, a natureza do espaço, sua organização, o controle exercido na sua composição e a que vincula este espaço, considerações sobre o fotógrafo e técnicas fotográficas;

- espaço geográfico: espaço físico representado na fotografia, caracterização dos lugares e mudanças ocorridas, a heterogeneidade e oposições como campo/cidade fundo artificial/natural, espaço interno/externo, público/privado e outros;

- espaço do objeto: compreende os objetos fotografados tomados como atributos da imagem fotográfica, analisando a lógica presente na representação dos objetos, bem como a relação desses com a experiência vivida e com o espaço construído, estabelecendo uma tipologia de objetos: internos, externos, pessoais e outros;

- espaço da figuração: compreende as pessoas e os animais retratados, a natureza do espaço (feminino/masculino, infantil/adulto), a hierarquia das figuras e atributos, inclusive os gestos;

- espaço de vivência (ou evento): nele estão circunscritos as atividades, as vivências e os eventos que se tornaram objeto do ato fotográfico, consistindo a síntese de todos os espaços anteriores, incorporando a idéia de *performance*, ressaltando a importância do movimento, mesmo em imagens fixas.

Analisando-se uma imagem do templo, percebemos que as fotografias nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes, como podemos perceber na observação abaixo:

A Igreja da Cruz não é uma construção pomposa. No seu estilo um tanto antiquado, que não tem nada de importuno, talvez pareça hoje, numa época em que uma pseudo-elegância externa procura, muitas vezes. Encobrir a ausência de um valor interior, demasiadamente singela e modesta. Mas talvez resida justamente nesta modéstia e singeleza o motivo mais profundo de que a mesma pareça uma jóia arquitetônica. Paira sobre essa Igreja algo de suave, gracioso, tendo sido a mesma um ornato de nossa cidade e continuando a sê-lo, indiscutivelmente, até o dia de hoje. A modesta mas austera, quase carinhosa decoração interior, o suave matiz das paredes, o escuro e quente revestimento do forro, os parcialmente (sob o ponto de vista puramente artístico) mui belos vitrais das janelas, que apesar da intensidade luminosa das suas cores, somente filtravam a luz do dia de maneira bastante abafada, tudo isso proporcionava um ambiente de devoção, o caráter íntimo da Igreja nos deixa, mesmo numa visita rápida, uma impressão duradoura. A Igreja da Cruz, pode-se afirmá-lo sem receio, honra sobremaneira a Comunidade Evangélica de Ijuí. (Fischer, 1964, p. 26)

Toda a imagem é histórica. As imagens permeiam a história e vice-versa. O trabalho de organização do arquivo fotográfico da CEI trouxe como experiência a reflexão sobre a história da comunidade, reavivando a memória de seus membros na interação com as imagens. O conhecimento do passado pelas futuras gerações será possível, em parte, através deste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISCHER, Martin. A comunidade evangélica de Ijuí. In: **Comunidade evangélica de Ijuí: 85 anos – 1895 a 1980**. Ijuí: Michaelson, 1980.

CANABARRO, Ivo. As imagens fotográficas e seus significados. In: **Espaços da Escola**, v. 10, n. 37, jul-set/2000, p-11-18. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

CANABARRO, Ivo. **A construção da cultura fotográfica no sul do Brasil**: imagens de uma sociedade de imigração. Niterói, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996. 4. ed. (Coleção Repertórios) tradução Bernardo Leitão et. al.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 3. ed.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem**: fotografia e história interfaces. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

PAVÃO, Luis. **Conservação de coleções de fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 1997.